

ANÁLISE METADISCURSIVA EM INTRODUÇÕES DE ARTIGOS DE ANTROPOLOGIA E PSICOLOGIA

Aline Cristina da Silva (UFPE)
alinecristinasol@hotmail.com

Introdução

O presente artigo se propõe a investigar a frequência e a função retórica de marcadores metadiscursivos em introduções de artigos científicos, publicados em revistas online de duas áreas de conhecimento relacionadas às ciências humanas: Antropologia e Psicologia. Para tanto, a análise será baseada na proposta de Hyland e Tse (2004), que deixam em evidência o caráter interpessoal provocado pela presença desses marcadores, que por sua vez, norteiam os rumos dados a argumentação desenvolvida pelo escritor para envolver e persuadir sua audiência. Os autores apresentam duas categorias de marcadores metadiscursivos: a dos interativos e a dos interacionais, cujas funções são de guiar e envolver o leitor, respectivamente.

Como se trata de um trabalho relacionado à análise de gênero, mais especificamente, à análise da seção que introduz um determinado gênero, o artigo científico, é imprescindível trazer à tona pressupostos teóricos, como a própria noção de gênero e a inter-relação entre os gêneros, as comunidades discursivas em que eles estão inseridos e seus propósitos comunicativos, que, neste trabalho, serão norteados pela linha da Sócio-Retórica. Esse diálogo se dará sob a ótica de estudos realizados por autores da escola americana, como Charles Bazerman e Carolyn Miller, que dão ao estudo de gênero um enfoque mais teórico; e por autores da escola britânica, como John Swales e Vijay Bhatia, que contribuem bastante para o estudo mais analítico do gênero. Todos esses estudiosos tem em comum uma visão de dinamicidade e do caráter social apresentado pelo gênero. Dessa concepção também compartilha o linguista brasileiro, Luiz Antônio Marcuschi.

O *corpus* é formado por 16 artigos, sendo 8 de cada periódico. A escolha pelo gênero, artigo científico, se deve ao fato de ser ele um ambiente fértil para trocas de informações no ambiente acadêmico. A introdução é vista como o ponto em que se inicia a ação e interação entre os escritores de uma comunidade acadêmica e os marcadores metadiscursivos serão as ferramentas utilizadas para se observar como os produtores dos textos (artigos científicos) guiam e envolvem sua audiência nessa parte do texto que serve de convite para a leitura de seu todo. Como metodologia utilizada, após um estudo bibliográfico, acontece a constituição do *corpus* (artigos científicos publicados por duas revistas *online*, atestadas pela avaliação *Qualis* periódicos da Capes. Revista de Antropologia e Psicologia: teoria e pesquisa), em seguida há o levantamento dos dados (todas as ocorrências de práticas interativas e interacionais nas introduções dos artigos coletados), e, por fim, ocorre a análise dos dados coletados (o metadiscorso é analisado baseado em dois tipos de recursos empregados na escrita acadêmica: Interativos e Interacionais).

Por fim, visando facilitar a posterior referência aos artigos de ambas as áreas, os de Antropologia serão identificados como (A.A1 – A.A8) e os de Psicologia como (A.P1 – A.P8).

1. Discussões teóricas

Como âncora para a análise dos dados, faz-se necessário a discussão sobre questões cruciais para a análise de gêneros. Assim, este tópico está subdividido nas seguintes temáticas: Noção de Gênero; Relação: Gênero, Comunidade Discursiva e Propósito comunicativo; e por fim, o Metadiscorso.

1.1 Noção de Gênero

Em Charles Bazerman (2005), Carolyn Miller (2009) e Luiz Antônio Marcuschi (2005; 2008) percebemos a ênfase dada pelos autores ao caráter dinâmico e social dos gêneros. Eles veem o *gênero* como “ação social” [termo originalmente dado por Miller 1984], como formas de vida, entidades dinâmicas, como veículo em que se realizam trocas de experiências entre os “atores sociais”, ou seja, como âmbitos nos quais os indivíduos agem e interagem. Após mostrar a noção de gêneros como “artefatos culturais”, no seu ensaio publicado em 1984, *Gênero como Ação Social*, os estudos mais recentes de Miller (2009) ainda ressaltam que a definição para os gêneros textuais precisa focar-se não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que é usada para sua realização. Tal concepção corrobora com as ideias de Bazerman (2005: 31), quando diz que: “a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos”. E ainda que “podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas” (2005: 31). Marcuschi (2002) em uma explanação global sobre gêneros vê-los como entidades sócio-discursivas que acompanham o ritmo do dinamismo social e resalta a explosão de tipos de gêneros que ocorreu paralelamente ao surgimento e desenvolvimento da escrita e dos recursos tecnológicos. Em Marcuschi (2008), o autor afirma que “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” (p. 150).

Ao citar um termo de Amy J. Devitt (1997), “linguagem estandar”, Marcuschi (2008: 156) ainda esclarece que “os gêneros limitam nossa ação na escrita”, já que, “por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite à escolha, estilos, criatividade e variação”. Essa ideia corrobora com a afirmação de Bhatia (2009) ao fazer uma abordagem sobre a análise de gêneros hoje. O estudioso da escola britânica salienta que seja qual for a abordagem dada, a teoria de gêneros se mostra sob uma base comum e aponta os três principais traços que a caracterizam: a ênfase no conhecimento convencional (integridade), a versatilidade da descrição dos gêneros e a tendência para a inovação. Nessa perspectiva, entendemos que para um gênero ser reconhecido como tal precisa seguir determinados padrões reconhecidos pelos membros da comunidade discursiva em que está inserido, porém também precisamos entender que, como cada membro tem suas peculiaridades e as condições de uso mudam, o gênero tende à inovação, uma inovação limitada às convenções. Em relação à versatilidade, Bhatia (2009) enfatiza que ela opera em vários níveis no contexto de culturas disciplinares específicas e deixa claro que as diversas variações se tornam gêneros diferentes à medida que apresentam diferentes propósitos comunicativos. A relação entre gênero, comunidade discursiva e propósito comunicativo também é fortemente discutido nos trabalhos de outro estudioso da escola britânica, John Swales.

1.2 Relação: Gênero, Comunidade Discursiva e Propósito Comunicativo

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva e dessa forma constituem o fundamento lógico do gênero. Esse fundamento modela a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo (SWALES, 1990: 58 apud ASKEHAVE e SWALES, 2009: 224).

Essa citação, originária da célebre obra de Swales, “Genre Analysis: English in academic and research settings”, nos mostra claramente como o autor explora o estudo de gênero, através da relação: gênero, comunidade discursiva e propósito comunicativo. A esse respeito, Bawarshi e Reiff (2010) expõem alguns conceitos definidos por Swales (1990), como é o caso da definição de comunidades discursivas vistas “como redes sociorretóricas que se formam a fim de atuar em favos de um conjunto de objetivos comuns” (SWALES, 1990: 9 apud BAWARSHI e REIFF, 2010: 5). Os estudiosos seguem afirmando que “esses objetivos comuns são tornam-se base para propósitos comunicativos compartilhados, e são os gêneros que possibilitam aos membros das comunidades discursivas realizar os tais propósitos”. (p.9 apud BAWARSHI e REIFF, p.5). Posicionando-se a e esse respeito, Bawarshi e Reiff (2010: 5) dizem que “os gêneros não só ajudam os membros da comunidade discursiva a alcançar e promover seus objetivos, mas também ajudam os novos membros a adquirir e iniciar-se nos objetivos partilhados daquela comunidade”.

Em relação à comunidade acadêmica ou profissional, como também é chamada a comunidade discursiva, Bhatia (2009) destaca o uso tipificado de gêneros apropriados que servem aos propósitos daquela comunidade, como uma de suas principais características. O autor segue dizendo que a apropriação de determinadas formas discursivas é a arma mais poderosa para manter a distância dos não membros daquela comunidade, sendo a linguagem característica de cada uma delas o fator crucial para “solidariedade dentro da comunidade” a que se refere Bhatia, “os membros da comunidade legal valorizam suas práticas discursivas e as usam para manter a solidariedade dentro da comunidade” (BHATIA, 2009: 185). Tanto Swales (1990) como Bhatia (2009) deixam clara a questão de que os membros mais experientes das comunidades transmitem aos mais novos suas características genéricas, os objetivos e os propósitos comunicativos que partilham.

A respeito do propósito comunicativo e sua importância para o estudo dos gêneros, Swales (1990: 58 apud Bhatia 2009: 171) se posiciona, afirmando que “um gênero consiste em uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos”. Bhatia (2009) deixa claro que tanto pode haver um único propósito como um conjunto deles. Bezerra (2006), apoiando-se em perspectivas de Swales e Bhatia, diz que a relação é tão íntima que uma mudança consistente no propósito equivale à construção de diferentes gêneros. O autor também traz à tona a noção de propósito comunicativo, apresentada primeiramente em Swales (1990) e que depois foi reformulada em Askehave e Swales (2001) e reforçada em Swales (2004). Segundo Bezerra (2006), na sua obra de 1990 Swales conceitua o termo como “critério privilegiado” e “prototípico” para se identificar um gênero. Em outro escrito realizado com Askehave, eles reformulam o conceito, observando que os propósitos comunicativos frequentemente assumem uma maior complexidade do que foi originalmente imaginado e incluem que para uma descrição realista do propósito de um texto é preciso atentar para “o contexto em que o texto é usado” (ASKEHAVE e SWALES, 2001: 203 apud BEZERRA, 2006: 72).

Por fim, entendendo que “a lógica subjacente ao gênero, bem como suas convenções esquemáticas, sintáticas e lexicais, são todas definidas contra o pano de fundo dos objetivos compartilhados da comunidade discursiva” (BAWARSHI e REIFF, 2010: 6), focaremos na análise do metadiscurso a fim de entender como escritores de Antropologia e Psicologia constroem a seção inicial de seus artigos.

1.3 O Metadiscurso

Vemos no estudo mediscursivo um campo fértil para análises e discussões acerca da escrita de gêneros acadêmicos. Entre os estudos Latino-americanos, podemos destacar alguns

escritos em língua portuguesa, como os de: Mônica Magalhães Cavalcante, que realizou pesquisas acerca da referenciação interligada à metadiscursividade¹; Cibele Gadelha Bernardino, com sua tese sobre a interpessoalidade em artigos acadêmicos²; Sônia Maria Lopes de Paula, com sua dissertação sobre a presença do metadiscorso nas introduções de artigos científicos³. Também é importante lembrar as investigações realizadas pela venezuelana Rebeca Beke, que observou o caráter interpessoal do metadiscorso também em artigos acadêmicos⁴.

Todos os trabalhos citados acima se apoiam ou citam em algum momento estudos realizados por Ken Hyland, estudioso norte-americano, que é um dos pioneiros nos estudos sobre aspectos envolvendo a escrita na academia e conseqüentemente, o metadiscorso. No último trabalho mencionado acima, Beke (2005), tomando como base os estudos de Hyland (1999a; 2000), nos apresenta a análise que realizou em artigos da área de pedagogia, mostrando como profissionais da educação se inter-relacionam entre si e se posicionam diante de temáticas próprias de suas áreas de saber, voltando-se para a análise dos recursos interacionais do metadiscorso, através da qual ela percebe a preocupação desses profissionais em se projetar como profissional e em persuadir seus leitores para que aceitem seus argumentos. Dessa maneira, a autora defende que o metadiscorso se revela como um recurso pragmático que os autores dispõem para influenciar a resposta dos leitores diante do conteúdo proposicional dos textos.

A análise de nossas introduções é norteada pelo estudo apresentado Tse e Hyland, em um artigo que publicaram em 2004, “Metadiscourse in academic writing: a reappraisal”, publicado em 2004, no qual os autores fazem uma reavaliação de metadiscorso, reconhecendo-o como:

um aspecto da linguagem que fornece uma ligação entre textos e culturas disciplinares, ajudando definir o contexto retórico ao revelar algumas das expectativas e entendimentos da audiência para quem o texto foi escrito (p.175).

Partindo da concepção exposta acima eles ressaltam a importância de aspectos externos e internos do discurso, revelando como o reconhecimento da dimensão interpessoal da linguagem pode desenhar traços de sua organização e avaliação. Assim, os estudiosos nos apresentam um modelo teórico que divide esses marcadores em **interativos** e **interacionais**, termos que, segundo eles foram denominados por Thompson (2001).

Segundo os estudiosos, o termo **interativo** é utilizado por Thompson para se referir ao manejo do escritor perante o fluxo de informações que lança no texto, ou seja, à maneira como ele vai guiando seu leitor através do texto produzido. Como afirmam os autores, são recursos que definem um argumento explícito, tendo como foco a organização do discurso a fim de antecipar o conhecimento dos leitores e refletir a avaliação do escritor de que precisa ser explicitado para restringir e guiar o que pode ser recuperado do texto.

A outra categoria de recursos metadiscursivos à qual se refere Thompson, os **interacionais**, é mencionada no artigo de Hyland e Tse (2004) como recursos que fazem

¹ Ver o artigo “Metadiscursividade, argumentação e referenciação” (2009)

² Ver a tese “O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos” (2007)

³ Ver a dissertação “O metadiscorso em introduções de artigos científicos: uma perspectiva sistêmico-funcional” (2009)

⁴ Ver o artigo “El metadiscorso interpersonal em artículos de investigación” (2005)

referência à intervenção explícita do escritor ao comentar e avaliar a proposição. Eles têm como função principal no contexto em que aparecem, envolver o escritor e o leitor no argumento. Conforme seguem dizendo os autores, os recursos interacionais revelam um metadiscorso é essencialmente avaliativo e envolvente, influenciando o grau de intimidade, a expressão de atitude, de julgamentos epistêmicos e o grau do envolvimento do leitor.

A fim de esclarecer o reconhecimento desses marcadores, vejamos a tabela abaixo, que mostra os diferentes tipos de marcadores interativos e interacionais, além dos possíveis modalizadores que identificam cada um desses tipos.

Tabela 1 – Um modelo de metadiscorso em textos acadêmicos (HALANDY e TSE, 2004: 169)

Categoria	Funções	Exemplos	Categoria	Funções	Exemplos
<i>Recursos Interativos</i>	<i>Ajuda o leitor a se guiar ao longo do texto</i>		<i>Recursos Interacionais</i>	<i>Envolve o leitor nos argumentos do autor</i>	
Marcadores de Transição	Referem-se à relação semântica expressa entre cláusulas principais	Além / mas / assim / e ...	Marcadores Atenuadores	O autor se compromete menos com o dito	Poderia / talvez / possível / quase ...
Marcadores de “Frames”	Referem-se aos atos de discurso, seqüências, frases ou texto	Finalmente / para concluir / meu propósito aqui é ...	Marcadores Reforçadores	Enfatizam a força ou a segurança do escritor na proposição	Na verdade / definitivamente / é claro que ...
Marcadores Endofóricos	Referem-se às informações em outras partes do texto	Acima referido / ver figura / na seção 2 ...	Marcadores de Atitude	Expressam a atitude do escritor em relação à proposição	Infelizmente / eu concordo / surpreendente ...
Marcadores Evidenciais	Referem-se à fonte de informação a partir de outros textos	De acordo com x (y, 1990) ...	Marcadores de Engajamento	Referem-se explicitamente ou constroem o relacionamento com o leitor	Considerar / note que / você pode ver que ...
Marcadores de Explicação	Ajuda os leitores a entender as funções do material ideacional	A saber / tal como / em outras palavras ...	Marcadores de Auto-menção	Referência explícita ao autor ou autores	Eu / nós / meu / nosso ...

Percebemos assim, que imprescindível para o reconhecimento de qualquer categoria metadiscursiva é a função retórica desempenhada por um modalizador em determinado contexto. Dessa maneira podemos ver a modalização como um importante indicador metadiscursivo, pois, como diz Hoffnagel (2010: 214), apoiada nos estudos de Halliday (1985, 1989):

“a modalidade permite que se perceba o grau de comprometimento do falante/escritor em relação ao que está dizendo. É através do estudo do modo e da modalidade que se pode identificar o papel que falantes/escritores adotam para si próprios e, conseqüentemente, o papel complementar que estabelecem para seus ouvintes/leitores”.

Assim, tendo como norte o quadro acima, apresentado por Hylan e Tse (2004), vamos à exposição e análise dos dados encontrados nos 16 artigos que compõem o corpus deste trabalho.

2. Análise do *corpus*

Para uma melhor compreensão dos dados encontrados, segue primeiramente a exposição e análise dos diferentes tipos de recursos interativos encontrados nas introduções dos artigos em ambas as disciplinas, logo após, o foco serão os tipos de interacionais observados também nas duas áreas. A intenção é fazer um paralelo da maneira como os escritores de Antropologia e Psicologia introduzem seus artigos acadêmicos, destacando primeiro como eles guiam seus leitores e depois, como eles envolvem os mesmos.

2.1 Análise dos Recursos Interativos

Em ambas as áreas foram encontrados os seguintes números, no que diz respeito aos recursos interativos:

Tabela 2 – Presença de marcadores interativos em introduções de 8 artigos de cada área.

MARCADORES INTERATIVOS				
CATEGORIAS	Introduções de Antropologia		Introduções de Psicologia	
	QTD.	%	QTD.	%
Frames	19	51%	9	4%
Evidenciais	11	30%	196	88%
Transições	3	8%	4	2%
Endofóricos	2	5%	0	0%
Explicação ou Redizer	2	5%	14	6%
TOTAL	37	100%	223	100%

Conforme nos mostram os dados, os antropólogos, ao introduzirem seus artigos acadêmicos, utilizam-se prioritariamente dos marcadores de Frames, apresentando um percentual de 51%, seguidos pelos marcadores Evidenciais, que se mostram com uma frequência considerável. Já os Psicólogos, recorrem frequentemente ao uso dos marcadores evidenciais, é o que nos diz o percentual encontrado (88%), que prevalece com grande disparidade em relação aos outros tipos de marcadores.

Os números encontrados nos remetem a pensar nas diferentes maneiras utilizadas pelos escritores para guiar seus leitores ao iniciarem seus escritos nos artigos acadêmicos. Percebemos que as introduções de Antropologia e Psicologia se assemelham no que diz respeito ao uso recorrente dos marcadores Evidenciais, embora eles apareçam em uma quantidade bem maior na “escrita introdutória” dos psicólogos. Para a identificação desses marcadores, nesta análise foram considerados quaisquer tipos de citações utilizadas. O que nos faz atentar para a importância da prática de citação, um artifício linguístico bastante recorrente na seção de abertura de seus artigos. Vemos no uso dessa prática uma maneira de conseguir, logo de início, a credibilidade do leitor através da menção a trabalhos de estudiosos de destaque na área. Também é importante refletir sobre o outro tipo de recurso metadiscursivo que vimos prevalecer nas introduções escritas pelos antropólogos: os Frames.

Eles são utilizados por esses profissionais com intuito de apresentar o trabalho que estão desenvolvendo, situando o leitor sobre o que ocorre e o que ocorrerá ao longo do texto. Esses “enquadradores” geralmente aparecem no momento em que os escritores apresentam seus objetivos de trabalho, suas hipóteses e fundamentações.

A fim de termos uma melhor compreensão do contexto em que esses marcadores aparecem, vejamos os exemplos abaixo, que exemplificam os marcadores Evidenciais nas introduções da revista de Psicologia e a presença do marcador de Frame seguido por Evidenciais, encontrados na “abertura” dos textos da Revista de Antropologia:

Ex1 (A.P1): O implante coclear tem demonstrado ser um método de tratamento eficaz na habilitação e reabilitação de pessoas com perda auditiva profunda, promovendo importante informação sensorial através da estimulação elétrica do nervo auditivo (**Beadle, Shores & Wood, 2000; Svirsky, Robbins, Kirk, Pisoni & Miyamoto, 2000**).

Ex2 (A.A6): **Vou tratar** do preconceito de cor e racismo no Brasil restringindo-me à época moderna, que começa com a geração de 1870, nas escolas de direito, do Recife e de São Paulo, e nas escolas de medicina, da Bahia e do Rio de Janeiro. Tal recorte não é arbitrário: tem a ver com a minha compreensão do que seja o racismo moderno. **Sigo o que aprendi com Louis Dumont (1966) e Collete Guillaumin (1992)**, entre outros, para quem o discurso sobre a diferença inata e hereditária, de natureza biológica, psíquica, intelectual e moral, entre grupos da espécie humana, distinguíveis a partir de características somáticas, é resultado das doutrinas individualistas e igualitárias que distinguem a modernidade da Antiguidade ou do Medievo e, no nosso caso, do Brasil colonial e imperial.

No Exemplo 1, fragmento de uma introdução de Psicologia, que trata do implante nuclear, o autor defende a importância do tema através de paráfrase a estudos anteriormente desenvolvidos por profissionais renomados dentro dessa comunidade discursiva. Já no Exemplo 2, trecho de uma introdução de Antropologia, que aborda o preconceito de cor e racismo no Brasil, vemos primeiramente a presença de um marcador de Frame, que situa o leitor sobre o que se vai dizer. O escritor segue informando os principais autores que fundamentarão suas discussões.

2.2 Análise dos Recursos Interacionais

Foram encontrados os seguintes números relacionados aos recursos interacionais observados:

Tabela 3 – Presença de marcadores interacionais em introduções de 8 artigos de cada área.

MARCADORES INTERACIONAIS				
CATEGORIAS	Introduções de Antropologia		Introduções de Psicologia	
	QTD.	%	QTD.	%
Atenuadores	5	10%	48	66%
Reforçadores	5	10%	2	3%
Marc. De Atitude	1	2%	0	0%
Marc. De Engajamento	5	10%	12	16%
Auto-menção	33	67%	11	15%
TOTAL	49	100%	73	100%

Conforme nos mostram os dados da Tabela 3, as introduções presentes nos textos de Antropologia revelam um maior percentual de uso dos marcadores de Auto-menção (67%). Enquanto naquelas escritas por profissionais de Psicologia, percebemos, em proporção semelhante, a recorrência de uso dos marcadores Atenuadores (66%). Essa acentuada diferença de uso dos marcadores de Auto-menção em Antropologia e dos Atenuadores em Psicologia nos faz refletir sobre a carga semântica levada pelos modalizadores que indicam essas categorias metadiscursivas. Enquanto os primeiros indicam referência explícita ao autor ou autores do próprio texto, sendo reconhecido pelos modalizadores: eu, nós, meu e nosso; os segundos refletem uma atenuação no comprometimento com a proposição, através de modalizações como: poderia, talvez, possível, quase, entre outros. Dessa maneira percebemos que foram encontradas peculiaridades referentes a cada área do saber. Enquanto os profissionais de Antropologia “se mostram” de uma maneira bem evidente, por meio de um “eu” explícito, fazendo pouco uso dos demais marcadores, os de Psicologia evitam um comprometimento maior com o dito, utilizando-se constantemente de modalizadores que atenuam seu discurso e, assim como os de Antropologia, fazendo pouco uso dos demais marcadores na maioria das vezes.

Para obtermos uma melhor compreensão do contexto em que esses marcadores mais recorrentes aparecem, vejamos os exemplos abaixo, que exemplificam os marcadores de Auto-menção nas introduções da revista de Antropologia e a presença do marcador Atenuador, encontrado na “abertura” dos textos da Revista de Psicologia:

Ex3 (A.A4): **Chamou-me atenção**, sobretudo, a técnica que foi denominada pelo jovem pregador de “bailar no Espírito”, ensinada na tarde do segundo dia do encontro.

Ex4 (A.P2): Essas técnicas fazem com que a criança controle seu comportamento em função das reações punitivas dos pais. Além disso, elas produzem emoções intensas tais como medo, raiva e ansiedade, que **tendem a reduzir** ainda mais a possibilidade de a criança compreender a situação e a necessidade de modificação de comportamento. Ou seja, o controle do comportamento da criança **tenderá a depender** de intervenções externas porque ela não adquire a capacidade de compreender as implicações de suas ações.

No Exemplo 1, fragmento de uma introdução de Antropologia, que trata de técnicas corporais de culto e louvor, o autor, ao desenvolver sua introdução, conta sua experiência de presenciar reuniões de um grupo de oração, ressaltando o que mais lhe chamou atenção. Podemos entender que esse ato participativo do escritor, “pede” a presença do pronome em primeira pessoa, dando uma credibilidade maior ao que venha a ser escrito posteriormente. O Exemplo 2, trecho de uma introdução de Psicologia, que aborda as práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade, vemos como o escritor atenua seu discurso ao contextualizar o assunto tratado. É evitando ser radical que ele tenta conquistar a confiança do leitor quanto aos dados e análises analisadas mais adiante.

Conclusão

Através da pesquisa realizada, podemos perceber o caráter sócio-discursivo desempenhado pelas introduções de artigos científicos. Sendo norteada pelo modelo proposto por Hyland e Tse (2004) foram observadas as principais tendências na escrita desse gênero realizada pelos profissionais das áreas de Antropologia e Psicologia. Em relação à frequência dos recursos interativos, é possível entender que o maior uso dos marcadores de Frames, seguidos pelos Evidenciais nas introduções de Antropologia revela-se como uma preocupação

em situar o leitor sobre o que acontece e acontecerá ao decorrer do trabalho em primeiro lugar, e, em segundo, a necessidade de apoiar seus argumentos em trabalhos realizados por profissionais experientes da área, característica que é priorizada nas introduções de Psicologia. No que diz respeito ao uso dos interacionais, percebemos que os Antropólogos sentem a necessidade de mostrar seu “eu”, talvez por trabalharem bastante com experiências empíricas, enquanto os Psicólogos, que na maioria das vezes trabalham com dados experimentais, aderem frequentemente a marcadores atenuadores. Por fim, vale enfatizar que esses resultados finais são reflexos de cada comunidade discursiva em que estão inseridos. Os membros dessas comunidades produzem suas introduções em artigos científicos atendendo a determinados padrões de escrita. A escrita das introduções contribui para o alcance dos propósitos comunicativos específicos do gênero, artigo científico, ou seja, visa principalmente conquistar, já de início, o interesse de determinada audiência pelas discussões realizadas posteriormente.

Referências bibliográficas

- ASKEHAVE, Inger; SWALES, John. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA; BIASI-RODRIGUES; CAVALCANTE. (Org.). *Gêneros e sequenciais textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195.
- BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. *Genre: an introduction to history, theory, research, and pedagogy*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. West Lafayette, Indiana: Parlor Press/The WAC Clearinghouse, 2010.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. HOFFNAGEL, Judith; DIONÍSIO, Ângela (Org.). Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEKE, R. 2005. *El metadiscurso interpersonal en artículos de investigación*. Revista Signos. 38 (57): 7-18.
- BERNARDINO, C. G. 2007. *O metadiscurso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- BEZERRA, Benedito. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BHATIA, Vijay. A análise de gêneros hoje. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. In: BEZERRA, Benedito; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica. (Org.). *Gêneros e sequenciais textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195.
- CAVALCANTE, M. M. 2009. *Metadiscursividade, argumentação e referenciação*. Estudos Linguísticos. 38 (3): 345-354.
- HYLAND, Ken; TSE, Polly. *Metadiscourse in Academic Writing: A Reappraisal*. Applied Linguistics. 25/2: 156-177. 2004.
- HOFFNAGEL, Judith. *Temas em Antropologia e Linguística*. Recife: Bagaço, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO et al. (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MILLER, Carolyn. *Estudos sobre: Gênero Textual, Agência e Tecnologia*. HOFFNAGEL, Judith; DIONÍSIO, Ângela (Org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

PAULA, S. M. L. 2009. *O metadiscorso em introduções de artigos científicos: uma perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado. Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

SWALES, John. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.